

LUÍS GASPAR

COLETÂNEA DE POESIA
PORTUGUESA



I VOLUME
POESIA MEDIEVAL
(ATÉ D.DINIS)

COLETÂNEA DE POESIA PORTUGUESA

I VOLUME
(Poesia Medieval)
Versão PDF

Nota importante:

Dadas as limitações do PDF no que respeita à reprodução de som, as declamações são disponibilizadas através de links que ao clicar irá abrir uma janela no seu browser com o som respectivo. Deste modo para ouvir os links de som terá que ter uma ligação à internet no computador ou tablet que esteja a usar para visionar este PDF.

**Este livro eletrónico contém 38 poemas de 20
autores, declamados por Luís Gaspar**

Dedicatória



Este trabalho é dedicado aos operários da língua portuguesa que ao longo dos séculos a têm moldado como se estatuários fossem.

Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e, depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro, membro a membro, e depois feição por feição, até à mais miúda; ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos; aqui desprega, ali arruga, acolá recama; e fica um homem perfeito, e talvez um santo que se pode pôr no altar.

Padre António Vieira, Sermão do Espírito Santo

Clique aqui para ouvir

Dedico-o, também a estes dois amigos que me ajudaram a concretizar este projeto. Sem a sua participação este livro eletrónico não existiria.

Deana Barroqueiro

André Gaspar

Prefácio

É frequente pedir a um amigo, especialista ou não, um texto que anuncie, justifique, enquadre ou critique uma obra a quando do seu nascimento.

Não será o caso deste trabalho. Aqui será o autor, se é que há, de facto, um autor, a expor (se) os motivos que levaram ao livro.



O Livro

E a primeira questão prende-se com a utilização da palavra “livro” para classificar este trabalho.

Até há pouco, os dicionários, pelo menos o da Academia das Ciências de Lisboa, iniciava as quase três colunas dedicadas à palavra “livro” com este texto: "livro [livro]. s. m. (Do lat. liber - bri). 1. Conjunto de cadernos ou de folhas, manuscritas ou impressas, cosidas ou coladas num dos lados,

cobertas por uma capa e colocadas na ordem pela qual devem ser lidas".

Seguem-se três colunas de mais informações sobre a palavra, que não vou reproduzir totalmente, mas não resisto a referir todos os “livros”. Ora, repare: livro epistográfico, quadrado, xilográfico, branco, canónico, da Sabedoria, de cabeceira, de cozinha, de linhagens, de horas, de milagres, litúrgico, negro, no prelo, proibido, sagrado, penitencial (ais), sapienciais, de viagem, de porta, de armação, de bordo, de cheques, de ocorrências, de ouro, de presenças, de reclamações, de registo, de termos, de tombo, de óbitos, paroquial, de vida, de pedra.

Seguem-se expressões ligadas ao livro, que me dispenso de transcrever dado que a intenção está alcançada: não existe a palavra para designar o “livro” que está, neste momento, diante dos seus olhos, no seu iPad. Exato, ele só pode ser lido num iPad. E neste aparelho, a palavra usada para este formato ainda não existe em português a não ser “livro eletrónico”.

Dispensar-me de adiantar muito sobre o livro eletrônico. O leitor, chegado ao fim, terá uma noção do que é este formato de livro, embora a sua capacidade de nos maravilhar, ou assustar, esteja a mudar todos os dias.



Porquê um “livro eletrónico”

Um livro eletrónico, ao contrário de um livro, para chegar às livrarias, não precisa de ser enviado a editoras, logo, de se sujeitar a que o seu trabalho vá parar ao lixo, quantas vezes antes de ser lido. A “ditadura” dos editores, no que respeita à publicação (ou não) de uma obra, está, nestes tempos, a ficar, cada dia, mais limitada.

Empresas de informática, como é o caso da Apple, reduziram o tradicional domínio das editoras sobre a “qualidade” dos conteúdos. Qualidade entre aspas, dada a subjetividade do assunto. Mas não só. Todo o processo de produção fica, ou pode ficar, ao cuidado do autor. Ele passa a escrever, desenhar, paginar e por aí fora, ao seu gosto e de acordo com a sua capacidade para manusear ferramentas postas à sua disposição num computador. Um processo pouco complicado, sobretudo se quiser publicar um livro sem pensar em compensação financeira. Se pretende ganhar dinheiro, as coisas complicam-se e nesse caso será ajuizado recorrer aos serviços de um editor autorizado pela Apple.

Finalmente, este trabalho é uma consequência de outra ferramenta disponibilizada na Internet: o áudio blogue. Em 2005 surgiu a possibilidade de divulgar som de uma forma simples e a baixo custo. Criei, na altura, o Estúdio Raposa, onde se proclama: “Aqui, neste espaço, arrancam-se as palavras do papel e dizem-se, soprando-lhes vida nova, fazendo-as flutuar em sonoras centelhas de luz. Recitar realiza, quebrando o silêncio, aquilo que o silêncio pretende e não consegue.”

Iniciou-se, então, a divulgação, sobretudo de poesia, de autores de língua portuguesa, declamados. E os trabalhos foram-se acumulando e atingiram tal número que a ideia de coletânea surgiu com naturalidade.

Para não chegar a um livro eletrónico de grandes proporções, estão a caminho 3 volumes, incluindo parte dos 2.000 ficheiros de som disponíveis neste momento, na Internet, no Estúdio Raposa.

I Volume - Do início da Nacionalidade até D. Dinis.

II Volume - Do Cancioneiro de Garcia de Resende até à aparição do poema “Camões” de Garrett, que inaugura a reforma romântica.

III Volume - Desde o início da reforma romântica pelo poema “Camões” de Garrett até aos nossos dias. Pode acontecer que este volume seja desdobrado.

Este livro eletrónico contém alguma informação genérica sobre a História Medieval, informação essa que fui recolher grande parte na Internet, nomeadamente na Wikipédia e também num excelente trabalho disponibilizado pelo Instituto de Estudos Medievais. Não só neste Instituto, mas também pela “rede”, é numerosa a poesia medieval disponível, sujeitando-se aos erros e imprecisões que lhe são próprias, quem nela procura informação. Não sendo eu especialista na matéria, não me é fácil distinguir o que é verdadeiro do falso, pelo que já, do facto, peço desculpa. Num livro eletrónico são fáceis as correcções, pelo que agradeço qualquer indicação de erro.

Não quero deixar de referir duas obras, duas velhas obras que me acompanharam nesta aventura e de onde respigo muitas opiniões. Obras que acompanharam os estudos de muito boa gente: “História da Literatura Portuguesa” de Joaquim Ferreira e “História Literária de Portugal” de Fidelino de Figueiredo.

A parte mais inovadora de um livro eletrónico é o facto de podermos adicionar à escrita, o som e a imagem fixa e em movimento (vídeos). Daí que possamos ouvir, nesta Coletânea, poesia.

Selecionei dos muitos poemas disponíveis 38 de 20 autores. Confesso não ter seguido nenhum critério para esta lista. Os poemas foram surgindo. De uns guardei as palavras, outros deixei-os partir.

De cada autor apresentarei uma pequena biografia seguida do texto original e depois a sua adaptação ao português moderno, sobre a qual farei a declamação. Neste difícil trabalho, o da transposição da escrita original para a moderna, tive a preciosa colaboração da querida amiga, a escritora Deana Barroqueiro que tem dedicado a sua vida ao romance histórico, sendo hoje, uma das mais reconhecidas especialistas, sobretudo na história dos heróis da saga dos portugueses pelo mundo dos Descobrimentos.



Nota histórica da Época Medieval Portuguesa

A Idade Média portuguesa vai das origens da nacionalidade até ao início da grande actividade marítima e colonial, que era já coisa típica da Renascença. A nacionalidade portuguesa foi, como Castela, um condado rebelde que se destaca da monarquia de Leão. A origem deste condado, a situação jurídica dele ante a coroa de Leão e toda a longa tradição política da unidade administrativa designada nos documentos por «território de Portucale», têm sido temas de ardidias controvérsias historiográficas, em que a falta de documentos deixa larga margem à conjectura. Esse condado, que fora ou não dote de Afonso VI de Leão a sua filha Teresa, por ocasião do seu casamento com o príncipe Henrique de Borgonha, torna-se independente em 1128, quando Afonso Henriques arrancou o governo das mãos de sua mãe, já viúva, e enceta a sua política autonomista ante seu primo Afonso VII de Leão e a sua política de reconquista ante os mouros, ainda então senhores de grande parte do território da Península Hispânica. O reconhecimento político da nova nacionalidade foi conseguido em 1143, na conferência de Zamora, quando Afonso VII de Leão se conformou com o título de rei, usado por Afonso Henriques, só com o débil cordão umbilical da tenência de Astorga. O reconhecimento da Igreja, indispensável por causa da influência hegemónica da Santa Sé nessa época, veio em 1179, quando o papa Alexandre III confirmou o mesmo título de rei, a troco do pagamento de um imposto simbólico à mesma Santa Sé. A reconquista foi mais demorada, mas perfez-se muito mais cedo que no resto da Península. Foi uma decisiva marcha para o sul, depois do acordo de Cela-Nova, entre Afonso Henriques e Fernando II de Leão, sobre os direitos portugueses de estender as fronteiras para o sul. Teria mesmo sido uma fulminante marcha, se Sancho I tivesse podido conservar Silves (1189) e aí fazer quartel general para a resistência a Yacub Almanzor que numa acção de recuperação de território perdido, subiu até à cidade de Tomar.

Afonso Henriques leva a fronteira até ao Tejo e faz incursões pelo Alentejo dentro. Foi ele o reconquistador de Lisboa. Afonso II recomeçou o avanço para o sul, filhou Alcácer do Sal em 1217; Sancho II conquistou Elvas em 1220; Évora, o oásis alentejano, permanecera sempre portuguesa desde a sua tomada em 1166 por Geraldo Sem-Pavor. Afonso III toma o Algarve e conclui a reconquista. Segue-se à incorporação territorial a organização interna.

Estes reis da Casa de Borgonha herdavam tradições jurídicas visigóticas e canónicas e acatavam as normas consuetudinárias, mas tinham de prover à estruturação legal da nova nacionalidade, para promover a sua defesa e a sua manutenção e o equilíbrio das classes privilegiadas com a realeza e o povo. É a fase da monarquia agrária, em que a terra dá o pão e Roma dá às armas portuguesas o apoio anti leonês e depois anti castelhano.

Em 1383 há uma grave crise de sucessão à coroa, por morte de Fernando I. Da revolução popular contra a candidatura de João I, de Castela, casado com uma princesa portuguesa, nasce, após uma ardida guerra, uma dinastia nova: a de Aviz. Reconhecida e consolidada, organizada internamente, a monarquia lança-se à aventura ultramarina e inicia em 1415, com a tomada de Ceuta, o ciclo marroquino das conquistas coloniais. Um filho do rei, por este nessa fornada de Ceuta armado cavaleiro, o infante D. Henrique, prepara as expedições que acham as ilhas atlânticas e iniciam o périplo do continente africano. Era a alvorada da Renascença.

(Fidelino de Figueiredo)



Como nasceu o Português

A língua portuguesa descende do indo-europeu, nome convencional por que se designa o idioma do povo ária ou ariano. O itálico - latino, osco e úmbrico - foi um dos grupos dialectais que se formaram dessa língua primitiva, depois da expansão dos árias pela Europa. O latim, língua do povo que chegou a dominar os outros povos da península itálica e a seguir estendeu o seu império a diversas partes da Europa, da África e da

Ásia, veio a predominar sobre todos os outros dialectos indo-europeus do sul, não somente pela grande difusão que lhe deu a colonização romana, mas também pelo grande esplendor e ascendente da sua cultura literária.

Este latim, no próprio território que lhe serviu de berço, apresentou durante a longa existência da república e do império romano dois aspectos bastante distintos: o latim vulgar e o latim literário. O primeiro era falado pela plebe; o segundo era escrito e praticado pela gente culta, após a estabilização e o aperfeiçoamento operados pelos poetas primitivos.

O latim popular, trazido à Península pelos soldados e colonos, foi assimilado juntamente com toda a cultura dos romanos.

Foi incorporando formas e vocábulos das línguas primitivas da Península e por causas nunca suficientemente determinadas, que se diferenciaram as várias línguas hispânicas, uma das quais a falada na faixa ocidental ou atlântica ou galaico-portuguesa. Este idioma, na sua época de formação, confinava-se na região setentrional dessa faixa, dos dois lados do Rio Minho. Com a reconquista dos territórios do sul aos muçulmanos, entrados no século VIII, esse idioma estendeu-se também nessa direcção. As primeiras palavras portuguesas surgem em documentos do século IX, redigidos no artificial latim bárbaro, que nunca foi língua falada, mas com intromissão do romance ou da língua falada, que era já o futuro português. Não são textos literários; são documentos de utilidade: partilhas e

testamentos, cartas de doação, cartas de quitação, instrumentos jurídicos de vários tipos. É necessário não confundir estas peças tabeliônicas em latim artificial e erradíssimo com os monumentos literários em latim cristão ou medieval ou latinidade, pobre, muito distante do latim literário, mas correcto, de acordo com a sua gramática e a sua índole. É do século XII em diante que principiam a aparecer documentos em português, totalmente ou em grande parte, o que indica os progressos da importância da língua falada. Na sua maior parte, o léxico português é de origem latina, visto que o povo português é um dos herdeiros do património romano. Mas tem sido enriquecido por influências muito diversas, umas colectâneas da própria transformação inicial - infiltrações hispânicas primitivas, fenícias, gregas, êscaras, célticas, germânicas e árabes, isto é, dos aborígenes e dos sucessivos, invasores da Península; outras posteriores, como a do latim clássico, posto em moda pela Renascença.

A língua galaico-portuguesa foi a língua literária da Península, enquanto verbo lírico, durante os séculos XII a XV. Foi o idioma em que os rudes guerreiros das cruzadas peninsulares balbuciarão os seus anseios amorosos e as suas aspirações ideais; a língua doce e terna que lhes revelou a vida interior e o jardim secreto da sua meditação; foi também o bordão florido em que se apoiaram os primitivos poetas para o descobrimento e conquista da própria alma, criando por seu esforço próprio os necessários meios de expressão, que mais de uma vez adivinham a posse plena de um Camões.

Mas enquanto o português, uma vez destacado, segue a sua evolução literária progressiva, acompanha todas as fases da experiência histórica e todas as correntes de pensamento e sensibilidade, reflectindo fielmente os momentos altos de triunfo da vida nacional, o galego decaiu e durante largos séculos, supeditado ao castelhano, não conhece cultura literária. O movimento de restauração da literatura galega só começa em 1808, durante as invasões napoleónicas.

(Fidelino de Figueiredo)



Poesia Provençal

Antes que da Provença viesse até nós, no século XII, a escola literária do «amor cortês», vertida nas estrofes ou «cobras» da poética trovadoresca, a Península já tinha uma poesia aqui nascida e evolucionada, uma poesia nitidamente tradicional.

O provençalismo invadiu os salões fidalgos, fascinando as donas e as donzelas. Tornou-se moda na aristocracia do tempo acolher trovadores e jograis, escutar-lhes as cantilenas de amor e outras, ao som de instrumentos apropriados, em que o coração do poeta extravasava de angústias, às vezes fingidas. Mas nós já possuíamos

uma poesia autóctone, nossa estritamente, que passou a coexistir com a importada da Ocitânia. As composições imitadas do trovadorismo provençal eram as cantigas de amor; as germinadas no solo hispânico desde tempos antiquíssimos (não se sabe como nem quando) eram as cantigas de amigo.

São denominadas cantigas de amigo as composições de curtas estrofes, quase sempre de número par e com estribilho melódico, para serem repetidas nos lábios da mulher amada. São lamentos pela demora ou frieza do «amigo», e por outras razões de desditas. Os poetas galaico-portugueses enfileiraram entusiasticamente na falange dos cultores do provençalismo. Demonstra-o a existência dos tão afamados e fertilíssimos cancioneiros trovadorescos. Excedem a soma de mil e seiscentas as composições só no Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa, o que documenta a rica afloração do lirismo no lapso de história em que a poesia provençal influiu na Península. As cantigas de amigo, porém, mantiveram-se no pleno fervor dos mais lídimos poetas. O rei D. Dinis, por exemplo, deixou 52 cantigas de amigo, além de 76 cantigas de amor.

E como se espalhou a corrente provençal por toda a Península? Como se introduziu em Portugal? Houve sempre, desde épocas imemoriais, cantores aventureiros errando pelas estradas e fazendo-se ouvir nas romarias, nas casas

nobres, nas festanças públicas e domésticas. O século XI, na Provença, viu multiplicarem-se vagabundos de instrumentos a tiracolo, que faziam profissão de entreterem os ouvintes com cantares ao som das cordas. Eram os jograis. O trovador concebia a canção; o jogral decorava-lhe os versos, e cantava-os ao som da viola, da harpa, da cítara, das flautas. Há, pois, diferenças entre um e outro.

O trovador, geralmente pessoa de cultura e jerarquia elevada, era um poeta na acepção moderna do vocábulo - um artista da forma, um joalheiro do verbo criando belas imagens em ritmos de orquestra. O trovador versejava por gosto, sem mira na paga ou em qualquer modo de remuneração pecuniária. A fama glorificadora e o sorriso da bem-amada lhe bastavam à sua facúndia lírica. Tão puro altruísmo só seria concebível com “gente d'algo”, cuja exuberância de meios os não forçasse a mercantilizar o talento na aceitação de espórtulas. É certo que as iluminuras de alguns cancioneiros exibem trovadores a cantar ao lado dos jograis, que estão tangendo o seu instrumento musical. Mas são casos de excepção. O ânimo de vagabundagem também espicaçava, por vezes, os trovadores de nobre estirpe.

O jogral era mais músico do que poeta. Eram os pedintes que vagueavam por cidades e aldeolas a entoar versos alheios em partitura apropriada. O jogral garganteava composições poéticas dos trovadores mais afamados em auditórios que o aplaudiam, às vezes nos salões das cortes feudais. As portas abriam-se e o jogral entrava nos palácios amuralhados da Idade Média. O banquete escoava-se na fêrvida animação dos convivas. As damas e as donzelas sorriam sob os olhares indiscretos dos condes, dos barões, dos gentil homens, dos escudeiros, dos pajens. O jogral vinha, e o rumor serenava: todos se propunham escutar o músico chegado há pouco de longínquas terras, Deus sabe! E o jogral, acompanhado de viola ou de outro instrumento, modulava a canção de amor dum poeta célebre. Quase sempre ele era também bufão e malabarista: proferia chocarrices, fazia contrações atléticas de ginasta, guinchava, saltava, e rebolava-se para gáudio dos ricos hospedeiros. Escolares foliões, clérigos devassos, fidalgos dissolutos, os jograis constituíam a babugem intelectual daquela época; mas serviram de veículo a uma das

mais belas criações de todos os séculos - a poesia provençal. E deste modo, pelo conduto nem sempre sério ou limpo dos jograis, a emoção lírica foi alastrando na Provença, primeiro, e depois nas províncias de Espanha. Eles foram, se não os únicos, os principais apóstolos da cultura trovadoresca.

Quais os factores da introdução em Portugal? Sabe-se com que diligência o conde D. Henrique, originário de Provença, trouxe da sua pátria os colonos para o repovoamento das terras tomadas aos mouros.

(Joaquim Ferreira)

A poesia medieval, as cantigas, podem classificar-se da seguinte forma:

- Cantigas de amor

- Cantigas de amigo

- Cantigas de escárnio e maldizer



Cantigas de amor

As cantigas de amor caracterizam-se por certas fórmulas usuais, «mha senhor», «fremosa mia senhora» ou «senhor», designativas da pessoa a quem se dirigiam os versos. Eram formadas de estrofes, cujo número variava conforme o gosto do poeta. Havia-as com uma só estrofe, mas muito raras vezes: o vulgar era terem cinco a sete, na Provença; e três ou quatro, aqui. Também a quantidade de versos de cada estrofe não se cingia a número certo: vemos cantigas com dois versos, vemo-las de quatro e mais; e Diez menciona estrofes com quarenta e dois versos, na lírica provençal. Muitas cantigas de amigo continham o

refrão: um ou mais versos repetiam-se invariavelmente no fim de cada estrofe. O refrão concentrava e por assim dizer, dinamizava a ideia basilar da cantiga, reproduzindo-a com insistência martelada de ideia fixa. Os trovadores assemelham-se a miniaturistas do verso, que eles burilavam com minúcias. Uma das suas preocupações consistia na natureza das rimas. Às vezes a rima da estrofe inicial reproduz-se nas estrofes seguintes. Serviam-se com frequência da rima emparelhada, cruzada e interpolada e também, como já ficou dito, da uma só rima em toda a estrofe (monorrima). As cantigas de amor são as que derivaram directamente da estilística trovadoresca. Nas galaico-portuguesas como nas provençais há raios do mesmo espírito - o «amor cortês». Se as obras eróticas de Ovídio foram lidas por estes poetas de inspiração idealista? Não se nos afigura plausível que eles sorvessem nessa fonte libidinosa a linfa cristalina das suas coplas. A medula espiritual do «amor cortês» é a reverência admirativa diante duma “fremosa senhor”.

(Joaquim Ferreira)



Cantigas de amigo

Os poetas provençais entraram em decadência quando se lhes esfriou a sinceridade emocional. O lirismo não vive de frases feitas: se o coração emudece, também ele seca! Foi isto que sucedeu. Os trovadores, sem a substância subjectiva do amor profundo, tantalizaram-se nos histriónicos verbalismos. Timbravam em destrezas de artífice na metrificação das palavras; refinavam-se para se erguerem às altitudes inéditas, revestindo o pensamento de expressões obscuras que lhes atraíssem a admiração daqueles que os não entendiam. A poética provençal entenebreceu-se com essas desgraciosas subtilezas. Granjeara fama com a melancolia das almas desesperadas e agora

definhava-se nas garras da razão calculista, à procura de verbosos espalhafatos.

Quanto às suas qualidades intrínsecas, é exuberante o caudal lírico que lhes reanima a inspiração. Elas mitigam-nos a sede da poesia humana, por mais intensa, não podendo quedar impassíveis ante a fremência destas estrofes. Nas cantigas de amigo a mulher fala-nos do namorado. A evocação do «amigo» fornece-lhes o fulcro inspiratório; e numerosas circunstâncias guiam a pena dos poetas, algumas intimamente.

Nela, o eu-lírico é uma mulher (mas o autor era masculino, devido à sociedade feudal e o restrito acesso ao conhecimento da época), que canta seu amor pelo amigo (isto é, namorado), muitas vezes em ambiente natural, e muitas vezes também em diálogo com sua mãe ou suas amigas. A figura feminina que as cantigas de amigo desenham é, pois, a da jovem que se inicia no universo do amor, por vezes lamentando a ausência do amado, por vezes cantando a sua alegria pelo próximo encontro.

(Joaquim Ferreira)



Cantigas de escárnio e maldizer

Eram designadas assim as composições zombeteiras, em que o poeta moteja os labéus alheios. A Poética Fragmentária divide assim esta espécie: cantigas de «escarnho» ou escárnio - referências «por palavras cubertas que ajão dous sentidos»; cantigas de maldizer - alusões por palavras directas, «descubertamente».

É muito grande a importância histórica das cantigas de escárnio e maldizer. Satirizam pessoas, censuram costumes, desenhando-se nelas à atenção do leitor a sociedade do tempo. Não é o coração que se desfaz em êxtases ou gemidos, como nas cantigas de amor e de amigo: são os olhos maliciosos que espreitam as tinetas, os maus hábitos, as mazelas dos outros e se comprazem a repetir o estendal com risadinhas de

chaceta. Poltrões, avarentos, egoístas, venais, perjuros, renegados, etc., aí se mencionam com expressões duras, ultrajantes, e às vezes francamente obscenas.

(Joaquim Ferreira)



Os Cancioneiros

Nestes Cancioneiros encontram-se algumas das cantigas medievais portuguesas (as que foram compiladas e guardadas). Conhecem-se 3 Cancioneiros de poemas em galego-português:

- "Cancioneiros da Ajuda", encontrado no Convento da Ajuda, é o mais antigo dos Cancioneiros, provavelmente copiado em fins do séc. XIII, possui 310 cantigas, das quais 304 são cantigas de amor. É considerado o mais incompleto dos 3 Cancioneiros, pois não contém os poemas do rei-trovador D. Dinis, mas é um documento valioso, pela grafia e partituras originais;

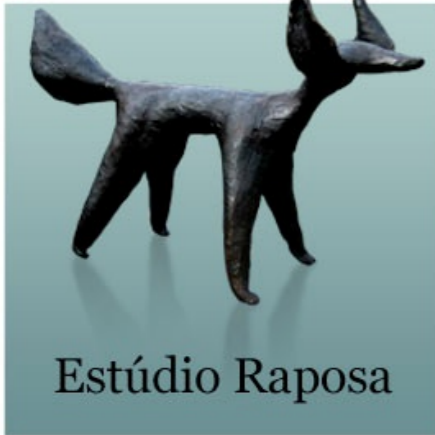
- "Cancioneiros da Biblioteca Nacional de Lisboa" ou "Cancioneiros Colocci Brancuti" é o mais completo dos Cancioneiros galego-portugueses. Possui 1.647 cantigas de todos os tipos. Encontrado primeiramente na biblioteca do Conde italiano Brancuti, no século XVI, o Cancioneiro passou a pertencer ao humanista italiano Angelo Colocci. Em 1880, o Cancioneiro foi vendido à Biblioteca Nacional de Lisboa, onde se encontra até hoje;

- "Cancioneiros da Vaticana". Pesquisando a biblioteca papal, Fernando Wolf descobriu esse Cancioneiro de 1.205 cantigas, entre elas as de D. Dinis, que aparecem também no "Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa".

Graças à existência desses Cancioneiros, temos hoje exemplos de cantigas medievais portuguesas, mesmo que a maioria delas sejam de autoria de poetas nobres e que as mais populares se tenham perdido no tempo.

Estão disponíveis, na Internet, no “site” “Cantigas Medievais Galego-Portuguesas”, os poemas destes três Cancioneiros. [Aqui](#).

São identificados 172 poetas dos quais se apresentam biografias e textos.



A poesia disponível nesta coletânea

Nesta coletânea, mais modestamente, como já foi referido, são disponibilizados 38 poemas de 20 autores, com textos originais e respetiva adaptação ao Português moderno, um trabalho de Deana Barroqueiro, e nessa qualidade, declamados.

De cada poema são apresentadas duas versões: sem e com música, esta, sugerindo a que se ouvia nesse tempo.

A apresentação dos autores aparece por ordem alfabética e as cantigas não são classificadas. Deixo aos leitores e ouvintes o cuidado de as identificarem como cantigas de amor, de amigo ou de escárnio e maldizer.

Iniciamos esta apresentação com dois poemas de dois poetas árabes, em homenagem à importância que esta poesia teve na que se seguiu, já de poetas cristãos.



Al-Mu'Tamid

Beja, Silves, Sevilha e Agmat (Marrocos), este o percurso de um príncipe que viveu no século XI e foi senhor de um dos mais brilhantes reinos muçulmanos da Península. Chamava-se Al-Mu'Tamid Ibn Abbad, era poeta e deixou alguns dos mais belos versos da Literatura árabe. Al-Mu'Tamid nasceu em Beja, foi governador de Silves, cujo castelo tomou em nome do pai, o rei da taifa de Sevilha, a quem mais tarde sucedeu no trono.

Ibn Abbad foi o último rei da taifa de Sevilha. Os tempos eram de confronto entre os muçulmanos do sul e os cristãos do norte e a poderosa Sevilha situava-se entre duas sociedades guerreiras. Nesta guerra perdeu-se Al-Mu'Tamid, que morreu exilado em Marrocos.

*"Invisível a meus olhos,
Trago-te sempre no coração
Te envio um adeus feito paixão
E lágrimas de pena com insônia.
Inventaste como possuir-me
E eu, o indomável, que submisso vou ficando!
Meu desejo é estar contigo sempre
Oxalá se realize tal desejo!
Assegura-me que o juramento que nos une
Nunca a distância o fará quebrar.
Doce é o nome que é o teu
E aqui fica escrito no poema: Itimad."*

Clique aqui para ouvir



Ibn Ammar

(1031-1086) foi um poeta nascido em Silves. Contudo ele era pobre e pouco conhecido, a sua habilidade na poesia e sobretudo a sua beleza masculina, atraiu o jovem Abbad III al-Mu'Tamid, que o nomeou primeiro-ministro algum tempo após a morte do seu pai Abbad II. Ibn Ammar era conhecido por ser invencível a jogar xadrez; de acordo com Abbelwaid al-Marrakushi, a sua vitória num jogo convenceu Afonso VI de Castela a abandonar Sevilha.

Planeou a anexação de Múrcia ao reino de Sevilha, convencendo Al-Mu'Tamid a nomeá-lo seu governador. Rapidamente proclamou-se a si próprio como rei e cortou relações com Al-Mu'Tamid. Caiu do poder

rapidamente, sendo capturado numa emboscada e aprisionado em Sevilha. Al-Mu'Tamid tendeu inicialmente para o seu perdão, mas ficou mais tarde indignado por algo que leu numa carta interceptada enviada por Ibn Ammar da sua cela. Foi o próprio rei a matar o poeta.

A AMADA

Ela é uma frágil gazela:

Olhares de narciso

Acenos de açucena

Sorriso de margarida.

E se seus brincos se agitam

Quedam-se os braceletes na escuta

Da música do requembro da cintura.

Bom é que não esqueçais

Que o que dá ao amor rara qualidade

É a sua timidez envergonhada.

Entregai-vos ao travo doce das delícias

Que filhas são dos seus tormentos.

Porém, não busqueis poder no amor...

Que só quem da sua lei se sente escravo

Pode considerar-se realmente livre.

Clique aqui para ouvir



Afonso Mendes de Besteiros

Trovador português, possivelmente natural de S. Cosme de Besteiros, próximo de Paredes, em terras do Sousa. Embora o nome Besteiros tenha outras ocorrências na toponímia portuguesa (nomeadamente em Santa Maria de Besteiros, Tondela, Viseu) a ligação à linhagem dos Riba de Vizela, que Resende de Oliveira sugere, poderá indicar como mais provável a primeira localização. Esta ligação aos Riba de Vizela parece depreender-se do facto de Afonso Mendes testemunhar vários documentos relacionados com a família, nomeadamente as partilhas entre Martim Gil de Riba de Vizela e suas irmãs (1285 e 1286), ou, em 1290, uma doação do mesmo Martim Gil ao mosteiro de S. Vicente de Fora. Seria, nesta altura, já idoso,

uma vez que numa sua cantiga contra um dos alcaides "traidores", o mostra já plenamente ativo na altura da guerra civil portuguesa (1245-47). Essa mesma composição indica-nos, ao mesmo tempo, que, tal como D. Gil Martins, chefe da linhagem dos Riba de Vizela e um dos mais fiéis partidários de D. Sancho II, Afonso Mendes de Besteiros esteve ao lado do malgrado rei no conflito que levou à sua deposição, podendo mesmo tê-lo acompanhado no seu exílio em Toledo (1248). Tenha sido esse ou não o contexto, o que parece certo é ter frequentado a corte castelhana, como se depreende da sátira (que vamos ouvir) contra um cavaleiro em fuga dos campos de batalha da Andaluzia. Para além das suas cantigas e dos documentos referidos, não há, no entanto, pelo menos até ao momento, nenhuma outra indicação que nos permita clarificar um pouco melhor a sua biografia.

Português antigo

*Don foão que eu sey
que á preço de liuão,
vedes que fez ena guerra
(d'aquesto são certão):
sol que uyu os genetes,
come boy que fer tauão,
sacudiu-ss'e e reuolueu-sse,
alçou rab'e foy sa vya
a Portugal.*

*Don foão que eu sey,
que á preço de ligeyro,
vedes que fez ena guerra
(d'aquesto são uerdadeyro)
sol que uyu os genetes,
come bezerro tenrreyro,
sacudiu-ss'e reuolueu-sse,
alçou rab'e foy sa vya
a Portugal.*

Português moderno

Dom Fulano que eu sei
que tem fama de ágil,
vedes que fez na guerra
(disto sou certíssimo):
só de ver os ginetes,
como boi que fere moscardo,
sacudiu-se e revolveu-se,
alçou rabo e foi-se
a Portugal.

Dom Fulano que eu sei
que tem fama de ligeiro,
vedes que fez na guerra
(disto sou verdadeiro)
só de ver os ginetes,
como bezerro tenreiro,
sacudiu-se revolveu-se,
alçou rabo e rumou
a Portugal.



*Don foão que eu sey
que á prez de liuedade
vedes que fez ena guerra
(sabede-o por uerdade):
sol que uyu os genetes,
come can que sal de grade,
sacudiu-ss'e reuolueu-sse,
alçou rab'e foy síi vya
a Portugal.*

Dom Fulano que eu sei
que tem mérito de ligeireza
vedes que fez na guerra
(sabei-o por verdade):
só de ver os ginetes,
como cão que sai de prisão,
sacudiu-se revolveu-se,
alçou rabo e foi-se
a Portugal.

[Clique aqui para ouvir](#)



Airas Nunes

Clérigo (como nos informa a rubrica atributiva das suas composições), provavelmente galego, cuja atividade se situará nos finais do reinado de Afonso X e inícios do reinado de Sancho IV (1284-1289). Na verdade, por um documento da chancelaria deste último monarca, ficamos a saber que, em 1284, Airas Nunes terá sido beneficiado com duas quantias em dinheiro para a compra de um cavalo e de roupas, doação que parece relacionar-se com a cena de violência que nos relata numa das suas cantigas. A levarmos em conta a referência que nessa mesma cantiga faz aos seus cabelos canos, já não seria um jovem por essa época. Pelo menos duas outras composições suas podem igualmente ser datadas: cantiga de amigo em que faz

referência à peregrinação de Sancho IV a Santiago (1286), e a cantiga de escárnio em que refere o conflito entre D. Sancho e os infantes de La Cerda (1289), e onde defende claramente as posições do rei castelhano.

Trovador culto, como nos indicam o seu perfeito domínio das formas e ainda o seu gosto pela citação (nomeadamente provençal), Airas Nunes terá estado, pois, ao serviço de D. Sancho IV, embora os dados referidos sejam os únicos que dele se possui.

Poesia (1)

Português antigo

*Baylemos nós já todas três, ay amigas,
so aquestas auelaneyras froolidas
e quen for uelida, como nós, uelidas,
se amigo amar, se aquestas auelaneyras froolidas
uerrá baylar.*

*Bailemos nós já todas três, ay irmanas.
so aqueste ramo destas auelanas,
e quen for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
so aquesto ramo destas auelanas
uerrá baylar.*

*Par Deus, ay amigas, mentr'al non fazemos,
so aqueste ramo froolido bailemos,
e quen ben parecer como nós parecemos,
se amigo amar,
so aqueste ramo so lo que nós bailemos
uerrá bailar.*

Português moderno

Bailemos nós já todas três, ai, amigas,
sob estas avelaneiras floridas
e quem for bonita, como nós, bonitas,
se amigo amar,
sob estas avelaneiras floridas
virá bailar.

Bailemos nós já todas três, ai, irmãs.
sob este ramo destas aveleiras,
e quem for louçã, como nós, louçãs,
se amigo amar,
sob este ramo destas aveleiras
virá bailar.

Por Deus, ai amigas, enquanto mais não fazemos,
sob este ramo florido bailemos,
e quem bem parecer como nós parecemos,
se amigo amar,
sob este ramo sob o que nós bailemos virá bailar.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (2)

Português antigo

Hun imfançon mh-á conuidado
que seia sen iantar loado
por mi, mays non no ei guysado
e direy-uos por que mh-auen,
ca iá des antan' ey iurado
que nunca diga de mal ben.

Diss'el: «poy'lo iantar foy dado,
load'este iantar onrrado»,
dix'eu: «faria-o de grado,
mais iurei antan' en Jaen,
na oste, quando fuy cruzado,
que nunca diga de mal ben».

Português moderno

Um infância me há convidado
para que seu jantar seja louvado
por mim, mas não o tenho preparado
e dir-vos-ei por que não o faço,
pois já desde há muito jurei
que nunca diria do mal bem.

Disse ele: «pois o jantar foi dado,
louvai este jantar honrado»,
disse eu: «fá-lo-ia de bom grado,
mas jurei há muito em Jaen,
na hoste, quando fui cruzado,
que nunca diria do mal bem».

[Clique aqui para ouvir](#)



Airas Peres Vuitoron

Trovador português, do qual se conhecem poucos dados biográficos, sabendo-se, porém, que pertencia a uma família da nobreza. Partidário de D. Sancho II na luta contra o irmão, D. Afonso III, viu-se obrigado ao exílio em Castela após a vitória deste último. Na corte castelhana, gozou de enorme prestígio literário e autoridade moral.

Foram-lhe transmitidas treze composições da sua autoria: oito cantigas de escárnio, uma delas contra Bernal de Bonaval, e cinco sátiras políticas. A mais interessante destas critica os vassallos de D. Sancho II por terem entregue ao usurpador, sem qualquer resistência, os castelos recebidos do anterior monarca.

Português original

*Don Estevam diz que desamor
á con el-rey, e sey eu ca ment'i,
ca nunca uiu prazer, poys foi aqui
o Conde, nen ueerá, mentr' el i for,
e, per quant' eu de sa fazenda sey,
por que non uen ao reyno el-rey,
non uee cousa ond' aia sabor.*

*Con arte diz que non quer a 'l-rey ben
ca sey eu d'el ca iá non ueerá
nunca prazer, se o Conde reynará,
ca ben quit' é de ueer nulha ren
don Esteuan, ond' aia gran prazer!
d' est' é iá el ben quite de ueer,
mentr' o Cond' assy ouuer Santaren.*

*Por que uos diz el que quer a 'l-rey mal?
ca ren non uee, assi Deus mi perdon,
que el mays ame eno seu coraçonnen
ueerá nunca, e direy-uos al:
poys que ss'agora o reyno partiu,
prazer poys nunca don Estevan uyu
nen ueera iamays en Portugal!*

Português moderno

Dom Estevão diz que desamor
tem com el-rei, e eu sei porque mente,
é porque nunca teve prazer, enquanto esteve aqui
o Conde, nem terá, enquanto ele aí estiver,
e, por quant' eu dos seus bens sei,
como não vem ao reino el-rei,
não acha prazer em nada

Com arte diz que não quer bem a el-rei
mas eu sei que ele já não terá
nunca prazer, se o Conde reinar,
porque bem longe está de alguma coisa ter
dom Estevão, ond' haja grão prazer!
Deste já ele está bem longe de ver,
enquanto o Conde for senhor de Santarém.

Por que vos diz ele que quer a mal a el-rei?
é porque não vê nada, assim Deus me perdoe,
que ele mais ame no seu coração
nem verá nunca, e vos direi mais:
posto que se agora o reino partiu,
prazer, pois, nunca dom Estevão teve
nem terá jamais em Portugal!

[Clique aqui para ouvir](#)



D. Dinis

Sexto rei de Portugal. Filho de D. Afonso III e de D. Beatriz de Castela. A doença de seu pai preparou-o bem cedo para governar.

Foi aclamado em Lisboa em 1279, para iniciar um longo reinado de 46 anos, inteligente e progressivo. Lutou contra os privilégios que limitavam a sua autoridade. Em 1282 estabeleceu que só junto do rei e das Cortes se podiam fazer as apelações de quaisquer juizes, e um ano depois revogou doações feitas antes da maioridade. Em 1284 recorreu às inquirições, a que outras se seguiram. Em 1290 foram condenadas todas as usurpações.

Quando subiu ao trono, estava a coroa em litígio com a Santa Sé motivado por abusos do clero em relação à propriedade real. D. Dinis por acordo diplomático, obteve a concordata após a qual os litígios passaram a ser resolvidos pelo rei aos seus prelados. Apoiou os cavaleiros portugueses da Ordem de Santiago, que pretendiam separar-se do seu mestre castelhano. Salvou a Ordem dos Templários em Portugal, passando a chamar-lhe Ordem de Cristo.

Travou guerra com Castela, mas dela desistiu depois de obter as vilas de Moura a Serpa, territórios para lá do Guadiana e a reforma das fronteiras de Ribacoa. Percorreu cidades e vilas, em que fortificou os seus direitos, zelou pela justiça e organizou a defesa em todas as comarcas. Fomentou todos os meios de uma riqueza nacional, na extracção de prata, estanho, ferro, exigindo em troca um quinto do minério e um décimo de ferro puro. Desenvolveu as feiras, protegeu a exportação de produtos agrícolas para a Flandres, Inglaterra e França. Exportações que abrangiam ainda sal e peixe salgado. Em troca vinham minérios e tecidos. Estabeleceu com a Inglaterra um tratado

de comércio, em 1308. Foi o grande impulsionador da nossa marinha, embora fosse à agricultura que dedicou maior atenção. A exploração das terras estava na posse das ordens religiosas. D. Dinis procurou interessar nelas todo o povo, pelo que facilitou distribuições de terras. Fundou aldeias, estabeleceu toda uma série de preciosas medidas tendentes a fomentarem a agricultura, adoptando vários sistemas consoante as regiões e as províncias.

Deve-se ainda a D. Dinis um grande impulso na cultura nacional. Entre várias medidas tomadas, deve citar-se a Magna Charta Privilegiorum, primeiro estatuto da Universidade, a tradução de muitas obras, etc.

A sua corte foi um dos centros literários mais notáveis da Península.

(O Portal da História)

Poesia (1)

Português antigo

*As flores, ay flores, do uerde pinho,
se sabedes nouas do meu amigo!
ay Deus, e hu é?*

*Ay flores, ay flores do uerde ramo,
se sabedes nouas do meu amado!
ay Deus, e hu é?*

*Se sabedes nouas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo!
ay Deus, e hu é?*

*Se sabedes nouas do meu amado,
aquele que mentiu do que mh-á iurado!
ay Deus, e hu é?*

*Vós me preguntades polo uoss' amigo,
e eu ben uos digo que é san' e uiuo:
ay Deus, e hu é?*

*Vós me preguntades polo uoss' amado,
e eu ben uos digo que é uiu' e sano :
ay Deus, e hu é?*

*E eu ben uos digo que é san' e uiuo
e seerá vose'ant o prazo saydo:
ay Deus, e hu é?*

*B eu ben uos digo que ê uiu' e sano
e seerá vose'ant' o prazo passado:
ay Deus, e hu é?*

Português moderno

Ai flores, ai flores do verde pinho,
Se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
Se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo
Aquel que mentiu do que pôs comigo!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
Aquel que mentiu do que mi á jurado!
Ai Deus, e u é?

Vós me perguntades polo voss' amigo,
E eu ben vos digo que é san'e vivo.
Ai Deus, e u é?

Vós me perguntades polo voss' amado,
E eu ben vos digo que é viv'e sano.
Ai Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é san' e vivo
E será vosso ante o prazo saído.
Ai Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é viv' e sano
E será vosso antes o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (2)

Português antigo

*Amiga, muyt'á gram sazon
que se foy d'aqui cõ el-rey,
meu amigo, mays já cuydei
mil uezes no meu coração
que algur morreu cõ pesar,
poys ão tornou migo falar.*

*Porque tarda tã muito lá
e nuca me tornou ueer,
amiga, si ueia prazer,
mays de mil uezes cuydei já
que algur morreu cõ pesar,
poys ão tornou migo falar.*

*Amiga, o coração seu
era de tornar ced'aqui,
hu uisse os meus olhos en mi,
e por en mil uezes cuyd'eu
que algur morreu cõ pesar,
poys ão tornou migo falar.*

Português moderno

Amiga, há muito tempo
que se foi d'aqui com el-rei,
meu amigo, mas já cuidei
mil vezes no meu coração
que algures morreu com pesar,
pois ão tornou comigo a falar.

Porque tarda tanto lá
e nunca me tornou a ver,
amiga, se tinha prazer,
mais de mil vezes cuidei já
que algures morreu com pesar,
pois ão tornou comigo a falar.

Amiga, a sua vontade
era de tornar cedo aqui,
onde visse os meus olhos em mim,
e por isso mil vezes cuido eu
que algures morreu com pesar,
pois ão tornou comigo a falar.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (3)

Português antigo

*Mha madre uelida,
uou-m' a la baylia
do amor.*

*Mha madre loada,
uou-m' a la baylada
do amor.*

*Vou-m' a la baylia
que fazen en uila
do amor.*

*Vou-m' a la baylada
que fazen en casa
do amor.*

*Que fazen en uila
do que eu ben queria,
do amor.*

*Que fazen en casa
do que eu muyt' amava,
do amor.*

*Do que eu ben queria;
chamarm' an garrida
do amor.*

*Do que eu muyt' amava;
chamar-m' an perjurada
do amor.*

Português moderno

Minha mãe bonita,
vou-me ao baile
do amor.

Minha mãe louvada,
vou-me à bailada
do amor.

Vou-me ao baile
que fazem na vila
do amor.

Vou-me à bailada
que fazem en casa
do amor.

Que fazem na vila
do que eu bem queria,
do amor.

Que fazem en casa
do que eu muit' amava,
do amor.

Do que eu bem queria;
chamar-me-ão garrida
do amor.

Do que eu muit' amava;
chamar-me-ão perjurada
do amor.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (4)

Português antigo

*Proençaes soen mui ben trobar
e dizem eles que é con amor;
mais os que troban no tempo da frol
e non en outro, sei eu ben que non
an tan gran coita no seu coraçõ
qual m'eu por mha senhor vejo levar.*

*Pero que troban e saben loar
sas senhores o mais e o melhor
que eles poden, soõ sabedor
que os que troban quand'a frol sazõ
á, e non ante, se Deus mi perdon,
non an tal coita qual eu ei sen par.*

*Ca os que troban e que s'alegrar
van eno tempo que ten a color
a frol consigu', e, tanto que se for
aqueel tempo, logu'en trobar rason
non an, non viven [en] qual perdiçõ
oj'eu vivo, que pois m'á-de matar.*

Português moderno

Provençais costumam mui bem trovar
e dizem eles que é com amor;
mas os que trovam no tempo da flor
e não noutro tempo, sei eu bem que não
têm tão grande mágoa no seu coração
qual eu por minha senhora me vejo levar.

Embora trovem e saibam louvar
suas senhoras o mais e o melhor
que eles podem, sou sabedor
que os que trovam quando o tempo da flor
vem, e não antes, assim Deus me perdoe,
não têm tal coita como eu tenho, sem par.

Porque os que trovam e se sabem alegrar
só no tempo que traz consigo
a cor da flor, e assim que passa
aquele tempo, logo deixam de ter motivo
de trovar, não vivem nesta perdição
em que eu hoje vivo, e me há de matar.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (5)

Português antigo

*A tal estado mi adusse, senhor,
o uosso ben e uosso parecer
que non uejo de mi nen d'al prazer,
nen ueerei ja, en quant eu uyuo for,
hu non uir uós, que eu per meu mal ui.*

*E queria mha mort'e non mi uen,
senhor, por que tamanh' é o meu mal
que non uejo prazer de min nen d'al,
nen ueerei ja, esto creede ben,
hu non uir uós, que eu por meu mal ui.*

*E poiya meu feyto, senhor, assy é,
querria ja mha morte, poys que non
uejo d'e mi nen d'al, nulha sazón,
prazer, nen ueerey ja per bõa fe,
hu non uir uós, que eu por meu mal ui,*

Poys non auedes mercee de mi.

Português moderno

A tal estado me leva, senhor,
o vosso bem e vosso parecer
que não vejo de mim nem d'outra coisa prazer,
nem verei já, enquanto eu vivo for,
não o ver vós, que eu por meu mal vi.

E queria minha morte não me vem,
senhor, porque tamanh' é o meu mal
que não vejo prazer de mim nem d'outra coisa,
nem verei já, isto creede bem,
não o ver vós, que eu por meu mal vi.

E pois meu feito, senhor, assim é,
queria já minha morte, pois que não
vejo de mim nem d'outrem, nenhuma ocasião,
prazer, nem verei já por boa fé,
não o ver vós, que eu por meu mal vi.

Pois não haveis mercê de mim.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (6)

Português antigo

*Joam Bol' anda mal desbaratado
e anda trist' e faz muit' aguisado,
ca perdeu quant' avia guaanhado
e o que lhi leixou a madre sua.
Um rapaz que era seu criado,
levou-lh' o rocim e leixou-lh' a mua.*

*Se el a mua quisesse levar
a Joam Bol' e o rocim leixar,
nom lhi pesára tant', a meu cuidar,
nem ar semelhára cousa tam crua;
mais o rapaz, por lhi fazer pesar,
levou-lh' o rocim e leixou-lh' a mua»*

*Aquel rapaz que Ih' o rocim levou,
se Ihi levass' a mua que Ihi ficou
a Joam Bolo, como se queixou,
non se queixár' andando pela rua;
mais o rapaz, por mal que Ihi cuidou,
levou-lh' o rocim e leixou-lh' a mua.*

Português moderno

João Bolo anda muito destroçado
e anda triste e faz muit' aguisado,
pois perdeu quanto tinha ganhado
e o que lhe deixou a sua mãe.
Um rapaz que era seu criado,
levou-lh' o cavalo e deixou-lh' a mula.

Se ele a mula quisesse levar
a João Bolo e o rocim deixar,
não lhe custara tanto, a meu cuidar,
nem também parecera coisa tão cruel;
mas o rapaz, para lhe fazer pesar,
levou-lh' o cavalo e deixou-lh' a mula.

Aquele rapaz que lhe o rocim levou,
se lhe levass' a mula que lhe ficou
a João Bolo, como se queixou,
não se queixaria andando pela rua;
mas o rapaz, por mal que lhe desejou,
levou-lh' o cavalo e deixou-lh' a mula.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (7)

Português antigo

*Hua pastor se queixaua
muyt', estando noutro dia,
e sigo medês falaua
e choraua e dizia
con amor que a forçaua:
«Par Deus, ui t' en graue dia,
ay amor!»*

*Ela s'estaua queixando,
come molher com gram coyta,
e que a pesar, des quando
nacera, non fora doyta,
por en dezia, chorando:
«Tu non és se non mha coyta,
ay amor!»*

*Coytas lhi dauan amores,
que non lh' eran se non morte,
e deytou-s' antr' uas flores
e disse con coyta forte:
«Mal ti venha per u fores,
ca non és se non mha morte,
ay amor!»*

Português moderno

Uma pastora se queixava
muito, estando só outro dia,
e consigo mesma falava
e chorava e dizia
com amor que a dominava:
«Por Deus, vi-te em aziago dia,
ai amor!»

Ela s'estava queixando,
como mulher com grande dor,
e que a sofrer, desde quando
nascera, nunca fora habituada,
por isso dizia, chorando:
«Tu non és senão minha dor,
ai amor!»

Dores lhe davam os amores,
que não lh' eram senão morte,
e deitou-se entre umas flores
e disse com paixão forte:
«Mal te venha por onde fores,
pois não és senão minha morte,
ai amor!»

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (8)

Português antigo

*Pêra veer meu amigo,
que talhou preyto comigo,
alá uou, madre.*

*Pêra veer meu amado,
que mig'á preyto talhado,
alá uou, madre.*

*Que talhou preyto comigo;
é por esto que vos digo:
alá uou, madre.*

*Que mig'á preyto talhado;
é por esto que uos falo:
alá uou, madre.*

Português moderno

Para ver meu amigo,
que fez jura comigo,
vou lá, minha mãe.

Para ver meu amado,
que a mim há jurado,
vou lá, minha mãe.

Que fez jura comigo;
é por isto que vos digo:
vou lá, minha mãe.

Que a mim há jurado;
é por isto que vos falo:
vou lá, minha mãe.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (9)

Português antigo

*Non posso eu, meu amigo,
con vossa soidade
viver, ben vo-lo digo;
e por esto morade,
amigo, u mi possades
falar e me vejades.*

*Non posso u vos non vejo
viver, ben o creede,
tan muito vos desejo;
e por esto vivede,
amigo, u mi possades
falar e me vejades.*

*Nasci em forte ponto;
e, amigo, partide
o meu gran mal sen conto,
e por esto guaride,
amigo, u mi possades
falar e me vejades.*

*- Guarrei, ben o creades,
senhor, u me mandades.*

Português moderno

Não posso eu, meu amigo,
com vossa saudade
viver, bem vo-lo digo;
e por isto morai,
amigo, onde me possais
falar e me vejais.

Não posso onde vos não vejo
viver, bem o crede,
tanto vos desejo;
e por isto vivei,
amigo, onde me possais
falar e me vejais.

Nasci em má hora;
e, amigo, partilhai
o meu grande mal sem conto,
e por isto permaneçei,
amigo, onde me possais
falar e me vejais.

Sararei, bem o creiais,
senhor, onde me mandais.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (10)

Português antigo

*Quer'eu em maneira de proença
fazer agora un cantar d'amor,
e querei muit'i loar mia senhor
a que prez nen fremusura non fal,
nen bondade; e mais vos direi en:
tanto a fez Deus comprida de ben
que mais que todas las do mundo val.*

*Ca mia senhor quis Deus fazer tal,
quando a faz, que a fez sabedor
de todo ben e de mui gran valor,
e con todo est'é mui comunal
ali u deve; er deu-lhi bon sen,
e des i non lhi fez pouco de ben,
quando non quis que lh'outra foss'igual.*

*Ca en mia senhor nunca Deus pôs mal,
mais pôs i prez e beldad'e loor
e falar mui ben, e riir melhor
que outra molher; des i é leal
muit', e por esto non sei oj'eu quen
possa compridamente no seu ben
falar, ca non á, tra-lo seu ben, al.*

Português moderno

Quer'eu à maneira provençal
fazer agora um cantar d'amor,
e quero muit'aí louvar minha senhora
a que não faltam mérito e formosura,
nem bondade; e mais vos direi:
tanto a fez Deus perfeita
que vale mais que todas do mundo.

Pois minha senhora quis Deus fazer tal,
quando a fez, que a fez sabedora
de todo bem e de mui grande valor,
e contudo é mui sociável
quando deve; também lhe deu bom senso,
e além disso não lhe fez pouco de bem,
quando não quis que lh'outra foss'igual.

Porque na minha senhora nunca Deus pôs mal,
mas pôs mérito e beleza e louvor
e falar mui bem, e rir melhor
que outra mulher; é também muito leal
e por isto não sei eu hoje quem
possa perfeitamente no seu bem
falar, porque não há outra coisa, além do seu bem.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (11)

Português antigo

*Se eu pudess'ora meu coração,
senhor, forçar e poder-uos dizer
quanta coyta mi fazedes sofrer
per uós, cuyd'eu, assy Deus mi perdon,
que aueriades doo de mi.*

*Ca, senhor, pero me fazedes mal
e mi nunca quizestes fazer ben,
se soubessedes quanto mal mi uen
per uós, cuyd'eu par Deus, que pod'e vai,
que aueriades doo de mi.*

*E pêro mi auedes gram desamor,
se soubessedes quanto mal leuei
e quanta coyta, des que uos amey,
per uós, cuyd'eu per bõa fé, senhor,
que aueridadés doo de mi;*

E mal seria, se non fofs'assy.

Português moderno

Se eu pudess'agora meu coração,
senhora, forçar e poder-vos dizer
quanta mágoa me fazeis sofrer
por vós, cuido eu, assim Deus me perdoe,
que haveríeis dó de mim.

Porque, senhora, como me fazeis mal
e me nunca quisestes fazer bem,
se soubésseis quanto mal me vem
por vós, cuido eu por Deus, que pode e vale,
que haveríeis dó de mim.

E como me tendes grande desamor,
se soubésseis quanto mal levei
e quanta coita, desde que vos amei,
por vós, cuido eu por boa fé, senhora,
que haveríeis dó de mim;

E mal seria, se non fosse assim

[Clique aqui para ouvir](#)



D. Sancho I

Segundo rei de Portugal, filho de D. Afonso I e de D. Mafalda. Casou em 1174 com D. Dulce de Aragão. Por volta de 1170 passou a compartilhar da administração pública, devido a doença de seu pai. Após a morte de seu pai foi solenemente aclamado em Coimbra. Foi um grande administrador, tendo acumulado no seu reinado um verdadeiro tesouro. Protegeu e fomentou a indústria e o povoamento das terras foi uma das suas maiores preocupações, criou concelhos e concedeu cartas de foral. Conquistou Silves, que era na altura uma cidade com 20.000 a 30.000 habitantes e uma das mais ricas cidades do ocidente peninsular, e também Albufeira. Passou a intitular-se rei de Portugal e dos Algarves. Perdeu-se novamente Silves e os mouros reconquistaram Alcácer, Palmela e Almada, ficando apenas Évora na mão dos portugueses. Grande conflito surgiu durante o seu reinado com o prelado da cidade do

Porto, tendo-se o rei oposto ao clero duma maneira extraordinária. No final da sua vida reconciliou-se com o clero. No campo da cultura, o próprio rei foi poeta e enviou muitos bolseiros portugueses a universidades estrangeiras.

Português antigo

*Ay eu, coitada, como uyuo
en gram cuydado por meu amigo
que ey alongado!
muyto me tarda
o meu amigo na Guarda!*

*Ay eu, coitada, como uyuo
en gram desejo por meu amigo
que tarda e non uejo!
muyto me tarda
o meu amigo na Guarda!*

Português moderno

Ai eu, coitada, como vivo
em grande cuidado por meu amigo
que tenho longe!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ai eu, coitada, como vivo
com grande desejo por meu amigo
que tarda e não vejo!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

[Clique aqui para ouvir](#)



Fernan Fernandez Cogomilho

A existência de dois cavaleiros, pai e filho, com este mesmo nome (e provavelmente com uma diferença de idades não muito acentuada) torna problemática a identificação exata deste trovador português. A maioria dos investigadores, seguindo D. Carolina Michaelis, inclinam-se, no entanto, para a sua identificação com Fernão Fernandes Cogominho pai, grande magnate e privado de Afonso III, em cuja corte está atestado pelo menos desde 1253, e onde assina a maior parte dos documentos deste rei até 1277, ano da sua morte. Da importante linhagem dos Guedões, era filho de Fernão Guedaz Guedeão e de D. Maria Fogaça. Nascido por volta de 1200 e criado em Trás-os-Montes, pouco se sabe da sua juventude. Parece ter tomado, no entanto, o partido de

D. Sancho II durante a guerra civil que levou o Bolonhês ao trono, já que se encontra em Toledo em 1248, quando o rei deposto redigiu o seu testamento. De regresso a Portugal, torna-se, de qualquer forma, homem de confiança de Afonso III ao longo de todo o seu reinado. Para além desta presença constante na corte, foi senhor de Chaves, alcaide-mor de Montemor-o-Velho e ainda senhor de Coimbra. Foi, aliás, nessa cidade que casou, já tardiamente (pouco antes de 1257), com a rica herdeira Joana Dias, sendo também aí beneficiado com algumas doações régias (entre outras que o monarca lhe concedeu). É também na Sé de Coimbra que está sepultado, juntamente com sua mulher, numa capela que ambos mandaram construir.

Já de seu filho homónimo temos menos dados. O único seguro é que passou a Castela, onde morreu em 1290 (bastante jovem, portanto), na batalha de Chincilla de Albacete, combatendo nas fileiras de D. Sancho IV contra o rebelde D. Estêvão Rodrigues de Castro.

Português antigo

*Ay, mha senhor, lume dos olhos meus!
hu uos non uir, dize-de-mi, por Deus,
que farey eu, que uos sempre amei?*

*Pois m'assi ui, hu uos uejo, morrer.
hu uos non uir, dize-de-m' ua ren,
que farey eu, que uos sempre amei?*

*Eu, que nunca outren soube servir
se non, senhor, uós, e, hu uos non uir,
que farey eu, que uos sempre amei?*

Português moderno

Ai, minha senhora, lume dos olhos meus!
onde vos não vir, dizei-me, por Deus,
que farei eu, que vos sempre amei?

Pois me assim vi, onde vos vejo, morrer,
onde vos não vir, dizei-m' uma coisa,
que farei eu, que vos sempre amei?

Eu, que nunca outrem soube servir
senão, senhora, vós, e, onde vos não vir,
que farei eu, que vos sempre amei?

[Clique aqui para ouvir](#)



Fernan Rodriguez Calheiros

Trovador português, muito provavelmente ativo nas primeiras décadas do século XIII, ou seja, na fase inicial da poesia galego-portuguesa, como a colocação das suas composições nas secções iniciais dos Cancioneiros parece confirmar. Embora não dispunhamos de qualquer dado biográfico concreto sobre Fernão Rodrigues, supõe Resende de Oliveira que seria irmão de Paio e Pero Rodrigues de Calheiros, os dois irmãos de Ponte de Lima documentados como testemunhas na confirmação do foral de Elvas feita por Afonso III em 1252. Como pelo menos o primeiro já era adulto em 1221, esta hipótese parece plausível. A ser assim, seria, pois, filho de Rodrigo Fernandes de Calheiros e de D. Sancha

Mendes, senhora esta que os Livros de Linhagens dizem ter sido fruto dos amores extraconjugais de D. Elvira Nunes Velha e de um Mem d'Alaúde (eventualmente um jogral?).

Acrescente-se que, mais recentemente, José António Souto Cabo faz recuar a cronologia do trovador para as décadas finais do século XII e inícios do século XIII, identificando-o com o Fernando Rodrigues que, em 1195, confirma uma compra de propriedades em Burgos efetuada pelo comendador da ordem de Calatrava (e seu futuro mestre) Gonçalo Anes da Nóvoa, irmão do trovador Osoiro Anes.

Português antigo

*Uedes, fremosa mha senhor,
segurantent' o que farey:
en tanto com' eu uyuo for,
nunca uos mha coyta direy,
ca non m' auedes a creer,
macar me ueiades morrer.*

*Por que uos ei eu, mha senhor,
a dizer nada do meu mal?
Pois d' esto são sabedor,
segurament' u ñ iaz al,
que non m' auedes a creer,
macar me ueiades morrer.*

*Seruyr-uos-ey eu, mha senhor,
quant' eu poder, nientre uiuer,
mays, poys de coyta sofredor
são, non uo' l' ey a dizer,
ca non m' auedes a creer,
maçar nue ueiades morrer.*

*Poys eu entendo, mha senhor,
quan pouco proueito me ten
de uos dizer quã grãd' amor
uos ey, ñ uos falarei en,
ca non m' auedes a creer,
maçar me ueiades morrer.*

Português moderno

Vedes, formosa senhora minha,
segurament' o que farei:
enquanto eu vivo for,
nunca a minha dor vos direi,
pois não me haveis de crer,
ainda que me vejais morrer.

Por que vos hei de eu, senhora minha,
dizer nada do meu mal?
Pois disto sou sabedor,
seguramente, sem qualquer dúvida
pois não me haveis de crer,
ainda que me vejais morrer.

Servir-vos-ei eu, senhora minha,
quant' eu poder, enquanto viver,
mas, pois de coita sofredor
sou, não vo-lo hei de dizer,
pois não me haveis de crer,
ainda que me vejais morrer.

Pois eu entendo, senhora minha,
quão pouco proveito me vem
de vos dizer quão grande amor
vos tenho, não vou falar disso,
pois não me haveis de crer,
ainda que me vejais morrer.

[Clique aqui para ouvir](#)



João Garcia de Guilhade

João Garcia de Guilhade foi um trovador português, nascido em Milhazes, concelho de Barcelos. Desenvolveu a sua arte poética em meados do século XIII. Apesar de ser reconhecida a sua capacidade e mestria poética, muita da sua produção tem um caráter brejeiro. É autor de poemas mordazes e célebres, como «Ai Dona fea, fostes-vos queixar», que vamos ouvir e coube-lhe introduzir o tema dos «olhos verdes» na poesia portuguesa, com «Amigos, non poss'eu negar».

Poesia (1)

Português antigo

*Ai, dona fea, foste-vos queixar
que vos nunca louv'en [o] meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar
en que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!*

*Dona fea, se Deus me perdon,
pois avedes [a] tan gran coraçõ
que vos eu loe, en esta razon
vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçon:
dona fea, velha e sandia!*

*Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já un bon cantar farei,
en que vos loarei toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!*

Português moderno

Ai, dona feia, foste-vos queixar
que nunca vos louvei no meu cantar;
mas agora quero fazer um cantar
em que vos louvarei sempre;
e vedes como vos quero louvar:
dona feia, velha e demente!

Dona feia, se Deus me perdoar,
pois tendes tão grande desejo
que vos eu louve, por este motivo
vos quero já louvar sempre;
e vedes qual será o louvar:
dona feia, velha e demente!

Dona feia, nunca vos eu louvei
no meu trovar, inda que muito trovei;
mas agora já un bom cantar farei,
em que vos louvarei sempre;
e vos direi como vos louvarei:
dona feia, velha e demente!

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (2)

Português antigo

*Estes meus olhos nunca perderán,
senhor, gran coita, mentr'eu vivo for.
E direi-vos, fremosa mia senhor,
destes meus olhos a coita que han:
choran e cegan quand'alguén non veen,
e ora cegan per alguén que veen.*

*Guisado tēen de nunca perder
meus olhos coita e meu coração.
E estas coitas, senhor, minhas son;
mais-los meus olhos, per alguén veer,
choran e cegan quand'alguén non veen,
e ora cegan per alguén que veen.*

*E nunca ja poderei haver ben,
pois que Amor ja non quer, nen quer Deus.
Mais os cativos destes olhos meus
morrerán sempre por veer alguén:
choran e cegan quand'alguén non veen,
e ora cegan per alguén que veen.*

Português moderno

Que esses meus olhos, minha senhora,
nunca viram tamanho desgosto que vivo,
E te digo minha bela senhora:
estes meus olhos apaixonados e com grande desgosto
choram e cegam quando te vêem.

Sorte tens de nunca perder
meus olhos apaixonados e meu coração
E esta paixão, minha senhora, são minhas.
Mas os meus olhos por ver alguém
choram e cegam quando estes não os vêem
e depois cegam por alguém que vêem.

E nunca poderei ficar bem,
pois nem o amor e nem Deus me quer.
Mas os meus olhos cativos
morrerão e cegarão, quando não forem vistos
e cegarão por serem vistos também.

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (3)

Português antigo

*Vistes, mias donas, quando noutro día
o meu amigo comigo falou,
foi mui queixos'e, pero se queixou,
dei-lh'eu entón a cinta que tragía,
mais el demanda-m'or'outra folía.*

*E vistas (que nunca, nunca tal visse!)
por s'ir queixar, mias donas, tan sen guisa,
fez-mi tirar a corda da camisa
e dei-lh'eu dela ben quanta m'el disse,
mais el demanda-mi al, que non pedisse.*

*Sempr'haverá don Joán de Guilhade,
mentr'el quiser, amigas, das mias dõas,
ca ja m'end'el muitas deu e mui bõas,
des i terrei-lhi sempre lealdade,
mais el demanda-m'outra torpidade.*

Português moderno

Reparastes, donas, que no outro dia
o meu namorado, comigo falou
Como se queixava? Tanto se queixou
que lhe dei o cinto.
Dei-lhe o que podia:
e pede-me agora o que não devia.

Vistes (antes nunca tal coisa se visse!)
que à força de muito, muito se queixar,
fez-me da camisa o cordão tirar:
o cordão lhe dei: no que fiz tolice:
e o que pede agora, antes não pedisse.

Das minhas ofertas, João de Guilhade,
enquanto as quiser, não o privarei,
que muitas e boas, já dele alcancei;
Nem lhe negarei, minha lealdade.
Mas... de outras loucuras, tem ele vontade!

[Clique aqui para ouvir](#)

Poesia (4)

Português antigo

*Amigos, non poss'eu negar
a gran coita que d'amor ei,
ca me vejo sandeu andar,
e con sandece o direi:
Os olhos verdes que eu vi
me fazen ora andar assi.*

*Pero quen quer x'entenderá
aquestes olhos quaes son,
e d'est'alguén se queixará,
mais eu... ja quer moira, quer non:
Os olhos verdes que eu vi
me fazen ora andar assi.*

*Pero non devi'a perder
ome que ja o sen non á
de con sandece ren dizer,
e con sandece digu'eu ja:
Os olhos verdes que eu vi
me fazen ora andar assi.*

Português moderno

Amigos, não poss'eu negar
a grande coita que d'amor sofro,
pois me vejo doido andar,
e com doidice o direi:
Os olhos verdes que eu vi
me fazem agora andar assim.

Mas quem quer que seja entenderá
de quem são estes olhos,
e disto alguém se queixará,
mas eu... já quer morra, quer não:
Os olhos verdes que eu vi
me fazem agora andar assim.

Mas não se devia perder
um homem que já siso não tem
de dizer coisas sem tino,
e com doidice digo eu já:
Os olhos verdes que eu vi
me fazem agora andar assim.

[Clique aqui para ouvir](#)



João Soares Coelho

João Soares Coelho (1200-1278) foi um Rico-homem e cavaleiro medieval do Reino de Portugal e do conselho real do rei D. Afonso III. Foi senhor do senhorio da vila de Souto de Riba-Homem por doação régia datada de 1254. Foi como Rico-homem e cavaleiro que acompanhou o Rei D. Afonso III de Portugal nas guerras que este monarca travou para a conquista do Algarve, particularmente em 1249. Foi por esses serviços que o rei lhe fez couto da Quinta do Souto em 1254.

Português antigo

*Luzia Sánchez, jazedes em gram falha
comigo, que nom fodo mais nemigalha
d'ua vez; e, pois fodo, se Deus mi valha
fiqu'end'afrontado bem por tercer dia.
Par Deus, Luzia Sánchez, Dona Luzia,
se eu foder-vos podesse, foder-vos-ia.*

*Vejo-vos jazer migo muit'aguada,
Luzia Sánchez, porque nom fodo nada;
mais se eu vos per i houvesse pagada,
pois eu foder nomposso, peer-vos-ia.
Par Deus, Luzia Sánchez, Dona Luzia,
se eu foder-vos podesse, foder-vos-ia.*

*Deu-mi o Demo esta pissuça cativa,
que já nom pode sol cospir saíva
e, de pram, semelha mais morta ca viva,
e se lh'ardess'a casa, nom s'ergeria.
Par Deus, Luzia Sánchez, Dona Luzia,
se eu foder-vos podesse, foder-vos-ia.*

*Deitarom-vos comigo os meus pecados;
cuidades de mi preitos tam desguisados,
cuidades dos colhões, que tragu'inchados,
ca o som com foder e é com maloutia
Par Deus, Luzia Sánchez, Dona Luzia,
se eu foder-vos podesse, foder-vos-ia.*

Português moderno

Luzia Sánchez, estais em grande falta
comigo, que nom fodo mais nada senão
uma vez; e, pois fodo, se Deus me valer
fique disso afrontado bem por três dias.
Por Deus, Luzia Sánchez, Dona Luzia,
se eu vos pudesse foder, foder-vos-ia.

Vejo-vos deitar comigo muito defraudada,
Luzia Sánchez, porque não fodo nada;
mas se eu com isso vos satisfizesse,
pois eu foder não posso, peidar-vos-ia.
Por Deus, Luzia Sánchez, Dona Luzia,
se eu vos pudesse foder, foder-vos-ia.

Deu-me o Demo esta pissuça cativa,
que já nem pode cuspir saíva
e, de certo, parece mais morta que viva,
e se lh'ardess'a casa, não s'ergueria.
Por Deus, Luzia Sánchez, Dona Luzia,
se eu vos pudesse foder, foder-vos-ia.

Deitaram-vos comigo para mal dos meus pecados
pensais de mi coisas tão desconcertadas,
cuidais dos colhões, que tragu'inchados,
porque o são com foder e é com doenças
Por Deus, Luzia Sánchez, Dona Luzia,
se eu vos pudesse foder, foder-vos-ia.

[Clique aqui para ouvir](#)



João Soares de Paiva

Trovador português, nascido por volta da década de quarenta do século XII, João Soares de Paiva é o mais antigo autor com obra conservada presente nos cancioneiros medievais galego-portugueses. Filho de D. Soeiro Pais, dito o Mouro, e de D. Urraca Mendes de Bragança, cuja união se processou logo após a batalha de Ourique (onde faleceu o primeiro marido de D. Urraca), João Soares era oriundo de uma linhagem implantada nas margens do rio Paiva, a sul do Douro. Está documentado em Portugal em 1169 e 1170, data a partir da qual se deverá ter ausentado do país, ao que parece de forma definitiva, ou, pelo menos, muito prolongada. Na verdade, a sua única cantiga conservada, que se pode datar dos anos finais do

século XII, indica-nos que se encontrava, na época, nas terras que detinha na fronteira navarra-castelhana-aragonesa.

Português antigo

*“Ora faz ost’o senhor de Navarra,
pois en Proenç’est’el-Rei d’Aragon;
non lh’an medo de pico nen de marrra
Tarraçona, pero vezinhos son;
nen an medo de lhis poer boçon
e riir-s’an muit’Endurra e Darra;
mais, se Deus traj’o senhor de Monçon
ben mi cuid’eu que a cunca lhis varra.
Se lh’o bon Rei varrê-la escudela
que de Pamplona oístes nomear,
mal ficará aquest’outr’en Todela,
que al non á a que olhos alçar:
ca verrá i o bon Rei sejournar
e destruir até burgo d’Estela:
e veredes Navarros lazerar
e o senhor que os todos caudela.
Quand’el-Rei sal de Todela, estrëa
ele sa ost’e todo seu poder;
ben sofren i de trabalh’e de pëa,
ca van a furt’e tornan-s’en correr;
guarda-s’el-Rei, comde de bon saber,
que o non filhe a luz en terra alhëa,
e onde sal, i s’ar torn’a jazer
ao jantar ou se on aa cëa.”*

Português moderno

“Agora faz isso o senhor de Navarra,
pois em Provença é o rei de Aragão;
não têm medo, nem do seu pico, nem à sua Marra
em Tarazona, nem que está perto;
não têm medo de lhes colocar aríetes
e serão rir muito Inzura e Darren;
mas, se Deus traz o senhor de Monção
estou certo de que lhes destruirá a bacía.
Se o bom Rei lhes arrasa a Escudela,
que de Pamplona ouvistes chamar,
mal ficará o outro em Tudela,
não tem outra coisa de que se preocupar:
pois verá o bom Rei em acampamento
e destruir até o burgo de Estella:
verás sofrer os navarros e ao senhor
que a todos comanda.
Quando o senhor sai de Tudela, lança
ele a sua hoste e todo o seu poder;
bem sofrem aí de sacrifício e de pena,
pois saem para roubos e voltam correndo;
o Rei procura, como perito,
que não amanheça em terra alheia,
e de onde partiu, ele torna a dormir,
o almoço ou então o jantar.”

[Clique aqui para ouvir](#)



João Zorro

Jogral talvez português, que terá exercido a sua atividade no reinado de D. Dinis, provavelmente nos seus anos iniciais. A existência do seu apelido na documentação portuguesa, como confirma Resende de Oliveira, e as referências repetidas que faz a Lisboa nas suas composições parecem confirmar estas coordenadas espacio-temporais. Mas poderá igualmente tratar-se de um jogral galego presente na corte portuguesa. Seja como for, não dispomos de quaisquer dados concretos sobre a sua biografia.

Português antigo

Per ribeira do rio
vi remar o navio,
e sabor ey da ribeyra.

Per ribeyra do alto
vi remar o barco,
e sabor ey da ribeyra.

Vy remar o nauio
u uay o meu amigo,
e sabor ey da ribeyra.

Vy remar o barco
u uay o meu amado,
e sabor ey da ribeyra.

U uay o meu amigo,
quer-me levar consigo,
e sabor ey da ribeyra.

U uay o meu amado,
quer-me levar de grado,
e sabor ey da ribeyra.

Português moderno

Pela ribeira do rio
vi remar o navio,
e tenho gosto na ribeira.

Pela ribeira do alto
vi remar o barco,
e tenho gosto na ribeira.

Vi remar o navio
onde vai o meu amigo,
e tenho gosto na ribeira.

Vi remar o barco
onde vai o meu amado,
e tenho gosto na ribeira.

Onde vai o meu amigo,
quer-me levar consigo,
e tenho gosto na ribeira.

Onde vai o meu amado,
quer-me levar de bom grado,
e tenho gosto na ribeira.

[Clique aqui para ouvir](#)



Jorge Aguiar

Alcaide-mor da fortaleza de Zagala, por carta de nomeação de 14/03/1478, Jorge de Aguiar foi capitão de uma armada que partiu para a Índia, em 1508, e se perdeu nas ilhas Tristão da Cunha. Teófilo Braga, di-lo filho de Pedro de Aguiar e de Mécia Sequeira, ama da princesa Joana (filha de D. Afonso V), e marido de D. Violante de Vasconcelos, filha de João Rodrigues de Vasconcelos.

Jorge de Aguiar participa no “*Processo do Cuidar e Sospirar*” que abre o Cancioneiro de Resende, alinhando nas fileiras a favor do “*Cuidar*”. Esta perspetiva mantém-na também nas outras cantigas, em que percorre obsessivamente o tema, de derivação trovadoresca, da discrição amorosa que obriga a calar e encobrir a própria paixão. A sua composição mais

famosa é a “sátira” contra as mulheres, filiada mais nas teorizações misóginas dos textos espanhóis deste período do que na sátira grosseira e às vezes obscena de proveniência trovadoresca que ainda floresce no Cancioneiro de Resende.

Poesia (1)

Português antigo

*Esforça meu coração,
nom te mates, se quiseres:
lembre-te que sam molheres.*

*Lembre-te qu'ê por nacer
nenhua que nam errasse;
lembre-te que seu prazer,
por bondade e merecer,
nam vi quem dele gostasse.
Pois nam te dês a paixam,
toma prazer, se puderes
lembre-te que sam molheres.*

*Descansa, triste, descansa,
que seus males sam vinganças;
tuas lágrimas amansa,
leix' as suas esperanças;
ca, pois nace sem rezam,
nunca por ela lh' esperes;
lembre-te que sam molheres.*

Português moderno

Esforça meu coração,
não te mates, se quiseres:
lembra-te que são mulheres.

Lembra-te qu'está por nascer
uma que não errasse;
lembra-te que seu prazer,
por bondade e merecer,
não vi quem dele gostasse.
Pois não te dês a paixão,
toma prazer, se puderes
lembra-te que são mulheres.

Descansa, triste, descansa,
que seus males são vinganças;
tuas lágrimas amansa,
deix' as suas esperanças;
porque, pois nascem sem razão,
nunca por ela lh' esperes;
lembra-te que são mulheres.



*Tuas mui grandes firmezas,
tuas grandes perdições,
suas desleais nações
causaram tuas tristezas,
Pois nam te mates em vão,
que, quanto mais as quiseres,
verás que sam as molheres.*

*Que te presta padecer,
que t' aproveita chorar,
pois nunc' outras ham de ser,
nem sam nunca de mudar?
Deyx' as com sua naçam,
seu bem nunca lho esperes:
lembre-te que sam molheres.*

*Nam te mates cruamente
por quem fêz tam grande errada,
que quem de si nam sente,
por ti nam lhe dará nada.
Vive, lançando pregam
por u fores e vieres
que sam molheres, molheres!*

Tuas mui grandes firmezas,
tuas grandes perdições,
suas desleais naturezas
causaram tuas tristezas,
Pois não te mates em vão,
que, quanto mais as quiseres,
lembra-te que são mulheres.

Que te presta padecer,
que t' aproveita chorar,
pois nunc' outras hão de ser,
nem são nunca de mudar?
Deixa-as com sua natureza,
seu amor nunca lho esperes:
lembra-te que são mulheres.

Não te mates cruamente
por quem fez tão grande falta,
que quem de si não sente,
por ti não lhe dará nada.
Vive, lançando pregão
por onde fores e vieres
que são mulheres, mulheres!

Clique aqui para ouvir

Poesia (2)

Português antigo

*Coração já repousavas,
Já não tinhas sujeição,
Já vivias, já folgavas;
Pois porque te sojigavas
Outra vez, meu coração?
Sofre, pois te não sofreste
Na vida que já vivias;
Sofre, pois te tu perdeste,
Sofre, pois não conheceste
Como te outra vez perdias;
Sofre, pois já livre estavas
E quiseste sujeição;
Sofre, pois te não lembravas
Das dores de que escapavas:
Sofre, sofre, coração!*

Português moderno

Coração já repousavas,
Já não tinhas sujeição,
Já vivias, já folgavas;
Pois porque te subjogavas
Outra vez, meu coração?
Sofre, pois te não sofreste
Na vida que já vivias;
Sofre, pois te tu perdeste,
Sofre, pois não conheceste
Como outra vez te perdias;
Sofre, pois já livre estavas
E quiseste sujeição;
Sofre, pois te não lembravas
Das dores de que escapavas:
Sofre, sofre, coração!

[Clique aqui para ouvir](#)



Martin Codax

Martim Codax (século XIII e inícios do XIV) foi um jogral galego. Pouco se conhece acerca da sua biografia, a começar pela sua origem. Acredita-se que seja oriundo do sul da Galiza, de Vigo ou da ilha de São Simão, em Redondela. Viveu entre a segunda metade do século XIII e o começo do século XIV.

Português antigo

*Mia yrmana fremosa, treides comigo
a la igreja de Vig', u é o mar salido
e miraremo-las ondas.*

*Mia yrmana fremosa, treides de grado
a la igreja de Vig', u é o mar levado
e miraremo-las ondas.*

*A la ygreja de Vig', u é o mar salido,
e verrá hy, mia madre , o meu amigo
e miraremo-las ondas.*

*A la ygreja de Vig', u é o mar levado,
e verrá hy, mia madre, o meu amado
e miraremo-las ondas.*

Português moderno

Minha irmã formosa, vinde comigo
à igreja de Vigo, onde o mar é agitado
e miraremos as ondas.

Minha irmã formosa, vinde de bom grado
à igreja de Vigo, onde o mar é levantado
e miraremos as ondas.

À igreja de Vigo, onde o mar é agitado,
e virá aí, minha mãe, o meu amigo
e miraremos as ondas.

À igreja de Vigo, onde o mar é levantado
e virá aí, minha mãe, o meu amado
e miraremos as ondas.

[Clique aqui para ouvir](#)



Martin de Grijó ou Martin de Ginzo

Há pouca informação sobre este poeta que aparece no Cancioneiro da Vaticana com o nome de Martin de Ginzo. É um jogral galego e que passou pelos reinados de Fernando III e Afonso X. Muito provavelmente teria, também, frequentado a Corte Portuguesa.

Português antigo

*Se uos prouguer, madr', oj' este dia
hirey oj' eu fazer oraçon,
e chorar muit'en Saneta Ceçília
destes meus olhos e de coraçõ
ca moyr'eu, madre, por meu amigo,
e el morre por falar comigo.*

*Se uos prouguer, madre, desta guisa
hirei alá mhas candeas queimar
eno meu mant' e na mha camisa
a Saneta Ceçilia ant' o seu altar,
ca moyr'eu, madre, por meu amigo,
e el morre por falar comigo.*

*Se me leixardes, mha madr', ala' hir,
darei-uos ora o que uos farey:
punharey sempre já de uos servir
e desta hida mui leda uerrey,
ca moyr'eu, madre, por meu amigo,
e el morre por falar comigo.*

Português moderno:

Se vos aprazer, mãe, hoje este dia
irei hoje eu fazer oração,
e chorar muito em Santa Cecília
destes meus olhos e de coração
pois morro eu, mãe, por meu amigo,
e ele morre por falar comigo.

Se vos aprouver, mãe, deste modo
irei lá minhas candeias queimar
e com o meu manto e a minha camisa
a Santa Cecília ante o seu altar,
pois morro eu, mãe, por meu amigo,
e ele morre por falar comigo.

Se me deixardes, minha mãe, lá ir,
dir-vos-ei agora o que vos farei:
prometo sempre já de vos servir
e desta ida mui alegre virei,
pois morro eu, mãe, por meu amigo,
e ele morre por falar comigo

[Clique aqui para ouvir](#)

Martin Suarez

Trovador português, documentado no período compreendido entre 1220 e 1260. Natural de Riba de Lima, como nos indica a rubrica que acompanha uma das suas composições, região onde terá nascido nos inícios do século XIII, e onde testemunha um documento na primeira data referida, Martim Soares pertenceria certamente a uma família da pequena nobreza, eventualmente os Ribeiro, como sugere José Augusto Pizarro. Embora não haja dados seguros sobre o seu percurso, um Martim Soares, trovador, seguramente o nosso autor, surge como testemunha num documento de 1241, uma venda feita por um Martim Garcia e sua mulher ao mosteiro de Santa Cruz.

Foi casado com Maria Soares, dona de Santarém, região onde parece ter-se fixado. Os Livros de Linhagens, onde o seu nome

não consta, referem que João Martins, seu filho, documentado na região, foi igualmente trovador. Se não há confusão com o pai, as composições de João Martins não chegaram até nós. Acrescente-se, no entanto, que João Martins parece ter sido próximo do magnate e trovador D. João Peres de Aboim, o que talvez indique que Martim Soares o teria sido igualmente.



Português antigo

*Foy um dia Lopo jograr
a casa duū infançon cantar,
e mandou-lh' ele por don dar
três couces na garganta,
e foi-lhe escasso, a meu cuidar,
segundo como el canta*

*Escasso foi o infançon
en seus couces partir' enton,
ca non deu a Lopo enton
mais de três na garganta,
e mais merece o jograron,
segundo como el canta.*

Português moderno

Foi um dia o jogral Lopo
a casa de um infanção cantar,
e mandou-lh' ele em pago dar
três coices na garganta;
e foram escassos, cuido eu,
pelo modo como canta.

Escasso foi o infanção
em repartir os seus coices,
pois não deu a Lopo então
mais de três na garganta,
e mais merece o jogralão,
pelo modo como canta.

[Clique aqui para ouvir](#)



Nuno Fernandes Torneol

Quase nada sabemos sobre este autor, cujo nome tem dado origem a alguma discussão. Assim, Resende de Oliveira, tendo em conta exatamente a referida ausência de dados, sugeriu que o seu nome poderia ser apenas Nuno Fernandes, sendo *Torneol* uma mera nota de Colocci relativa ao *tornel* (refrão) das cantigas seguintes. Esta hipótese não parece, no entanto, confirmar-se, já que, posteriormente, Beltran localizou um documento, datado de 1244, onde é referido um João Fernandes Torniol, à época, proprietário de uma vinha em Córdova, o qual, segundo este investigador, poderia ser irmão do trovador. Já mais recentemente José António Souto Cabo localizou o apelido em dois documentos galegos, o primeiro referindo um *Fernandus Petri, dictus "Turniol" de Villari*, que, em

1262, testemunha uma venda ao arcebispo João Airas, e o segundo em três sobrinhos do cónego compostelano Abril Fernandes (no seu testamento, datado de 1269). A ser assim, Nuno Fernandes seria galego, e talvez originário da região de Santiago.

Seja como for, o que parece certo é Nuno Fernandes ter desenvolvido a sua atividade trovadoresca por meados do século XIII, muito provavelmente na corte castelhana de Fernando III ou Afonso X. De resto, os topónimos castelhanos referidos na sua única cantiga de escárnio conservada parecem apontar nessa direção.

Português antigo

*Vy eu, mha madr', andar
as barcas eno mar,
e moyro-me d'amor!*

*Foy eu, madre, veer
as barcas eno ler,
e moyro-me d'amor!*

*As barcas eno mar,
e foi-las aguardar,
e moyro-me d'amor !*

*As barcas eno ler,
e foi-las atender,
e moyro-me d'amor!*

*E foi-las aguardar,
e non o pud'achar,
e moyro-me d'amor!*

*E foi-las atender,
e non o pudi ueer,
e moyro-me d'amor!*

*E non o achei hy,
o que por meu mal ui,
e moyro-me d'amor!*

*E non o achei lá
o que ui por meu mal,
e moyro-me d'amor!*

Português moderno

Vi eu, minha mãe, andar
as barcas no mar,
e morro d'amor!

Fui eu, mãe, ver
as barcas nas ondas,
e morro d'amor!

As barcas no mar,
e fui-as aguardar,
e morro d'amor!

As barcas nas ondas,
e fui-as esperar,
e morro d'amor!

E fui-as aguardar,
e não o pude achar,
e morro d'amor!

E fui-as esperar,
e non o pude aí ver,
e morro d'amor!

E non o achei aí,
o que por meu mal vi,
e morro d'amor!

E non o achei lá
o que vi por meu mal,
e morro d'amor!

[Clique aqui para ouvir](#)



Paio Soares de Taveirós

Paio Soares Taveiroos (ou Taveirós) foi um trovador da primeira metade do século XII, de origem da pequena nobreza galega.

Foi o autor da célebre Cantiga da garvaia, durante muito tempo considerada a primeira obra poética em língua galaico-portuguesa. É uma cantiga de amor plena de ironia, e por isso atualmente considerada por diversos autores como uma cantiga satírica. Mesmo perdendo o seu estatuto de mais antiga cantiga conhecida, em favor de uma outra do trovador João Soares de Pávia, continua no entanto a desafiar a imaginação dos críticos, ainda em desacordo quanto ao seu real sentido, e nomeadamente no que diz respeito à personagem a quem é dirigida: uma filha de D. Pai Moniz, por muito tempo identificada como D. Maria Pais Ribeiro, a célebre Ribeirinha,

amante do rei português D. Sancho I. A constatação da existência, na época, de várias personalidades chamadas Pai Moniz, ou Paio Moniz, bem como a origem galega de Paio Soares, parecem, no entanto, contrariar esta hipótese, hoje muito discutível.

Português antigo

*No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me uay,
ca iá moiro por uos - e ay!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que uos retraya
quando us eu ui en saya!
Mao dia me leuantei,
que uus enton non ui fea!*

*E, mia senhor, des aquel di'ay!
me foi a mi muyn mal,
e uos, filha de don Paay
Moniz, e ben uus semelha
d'auer eu por uos guaruaya,
pois eu, mia senhor, d'alfaya
nunca de uos ouue nen ei
valia d'ua correa...*

Português moderno

No mundo não conheço
ninguém igual a mim,
enquanto acontecer o
que me aconteceu,
pois eu morro por vós e ai!
Minha senhora alva e rosada,
quereis que vos lembre
que já vos vi na intimidade!
Em mau dia eu me levantei
Pois vi que não sois feia!

E, minha senhora
desde aquele dia, ai!
Venho sofrendo de um grande mal
enquanto vós, filha de dom Paio
Muniz, a julgar forçoso
que eu lhe cubra com o manto
pois eu, minha senhora
nunca recebi de vós
a coisa mais insignificante.

[Clique aqui para ouvir](#)



Pero da Ponte

Trovador muito provavelmente galego, ativo nas cortes castelhanas de Fernando III e Afonso X. A sua condição de escudeiro e trovador é referida pelo próprio em duas composições, mas é provável que o seu verdadeiro estatuto social fosse o de segrel, categoria algo fluida, mas que apontava para uma posição intermédia entre o jogral e o trovador nobre.

A partir das suas composições se depreende que Pero da Ponte se terá continuamente mantido muito próximo da corte régia do Rei Sábio, de cujas posições políticas se faz porta-voz em numerosas circunstâncias, nomeadamente e para além do caso antes aludido, aquando da rebelião nobiliárquica castelhana dos inícios dos anos 70.

Português antigo

*Senhor do corpo delgado,
en forte pont' eu fuy nado!
que nunca perdi cuydado
nem afan des que uos ui.
En forte pont' eu fuy nado,
senhor, por uós e por mi!*

*Con est' afan tan longado
en forte pont' eu fuy nado!
que uos amo sen meu grado
e faço a uós pesar y.*

*En forte pont' eu fuy nado,
senhor, por uós e por mi!*

*Ay eu, cativ' e coytado,
en forte pont' eu fuy nado!
que serui sempr' endõado
ond' un ben nunca prendi.*

*En forte pont' eu fuy nado,
senhor, por uós e por mi!*

Português moderno:

Senhora do corpo
esbelto, em má hora fui nascido!
que nunca perdi cuidado
nem afã desde que vos vi.
Em má hora fui nascido,
senhora, por vós e por mim!

Com est' afã tão alongado
em má hora fui nascido!
que vos amo contra vontade
e vos causo mágoa.

Em má hora fui nascido,
senhora, por vós e por mim!

Ai eu, cativ' e coitado,
Em má hora fui nascido!
que servi sempr' em vão
onde bem nunca consegui.

Em má hora fui nascido,
senhora, por vós e por mim!

[Clique aqui para ouvir](#)



Pedro Garcia Burgalês

Pero Garcia Burgalês foi um poeta trovador nascido em Burgos, Espanha. Frequentou a corte de Afonso X, rei de Castela e Leão de onde Burgalês provinha, portanto, o escritor possuía origem castelhana. Provavelmente também conviveu com a corte de D. Afonso III, em Portugal, onde teria mantido relações com os trovadores Lourenço e Rui Queimado, considerado seu rival, chegando a escrever uma cantiga de escárnio para ele: "Roi Queimado morreu con amor", que vamos ouvir.

Português antigo

*Roi Queimado morreu con amor
en seus cantares, par Sancta Maria,
por ūa dona que gran ben queria:
e, por se meter por mais trovador,
porque lhe ela non quis ben fazer,
feze-s'el en seus cantares morrer,
mais resurgiu depois ao tercer dia!*

*Esto fez el por ūa sa senhor
que quer gran ben, e mais vos en diria:
por que cuida que faz i maestria,
enos cantares que faz, á sabor
de morrer i e des i d'ar viver;
esto faz el que x'o pode fazer,
mais outr'omem per ren' nono faria.*

*E non á já de sa morte pavor,
senon sa morte mais la temeria,
mais sabe ben, per sa sabedoria,
que viverá, des quando morto for,
e faz-[s'] en seu cantar morte prender,
des i ar vive: vedes que poder
que lhi Deus deu, mais que non cuidaria.*

*E, se mi Deus a mim desse poder
qual oj'el á, pois morrer, de viver,
já mais morte nunca temeria.*

Português moderno

Rui Queimado morreu de amor
nos seus cantares, por Santa Maria,
por uma dona a quem muito queria:
e, para se mostrar melhor trovador,
porque ela não lhe quis bem fazer,
fez-s'ele em seus cantares morrer,
mas ressuscitou ao terceiro dia!

Isto fez ele pela sua senhora
a que quer grande bem, e mais vos diria:
como cuida que é mestre em trovar,
e nos cantares que faz, tem prazer
em morrer e logo voltar a viver;
isto faz ele que o pode fazer,
mas outro homem por nada o faria.

E não tem já de sua morte pavor,
senão a sua morte mais temeria,
mas sabe bem, por sua sabedoria,
que viverá, depois que morto for,
e faz em seu cantar prender a morte,
voltando logo à vida: vedes que poder
Deus lhe deu, mais do que se podia crer.

E, se me Deus a mim desse o poder
que ele hoje tem, de viver após morrer,
jamais a morte eu temeria.

[Clique aqui para ouvir](#)

Nota Final

Chegámos ao fim da primeira coletânea, de uma série de três, com poesia portuguesa. Nesta primeira, recordam-se, apenas, 20 poetas dos muitos que estão referenciados nos três cancioneiros e noutras fontes.

Repito: para quem se interessa por Poesia Medieval Portuguesa, recomendo a visita ao “site”, da responsabilidade do [Instituto de Estudos Medievais](#), denominado “[Cantigas Medievais Galego-Portuguesas](#)”.

O conteúdo é vastíssimo, para além do rigor técnico e literário.

Se tiver algum comentário ou sugestão a fazer pode contactar-me visitando o [Estúdio Raposa](#).

Os próximos volumes serão os seguintes:

II Volume - Do Cancioneiro de Garcia de Resende até à aparição do poema “Camões” de Garrett, que inaugura a reforma romântica.

III Volume - Desde o início da reforma romântica pelo poema “Camões” de Garrett até aos nossos dias.

O Terceiro Volume pode vir a ser desdobrado em dois dada a enorme quantidade de poesia disponibilizada com o advento dos blogues e das redes sociais com destaque para o Facebook.

A edição deste trabalho para iPad, assim como as futuras coletâneas, são da responsabilidade de [André Gaspar](#).

Se pretende editar um trabalho seu, neste formato, recomendo-lhe este Editor, reconhecido como tal pela Apple. Você pode ter o seu livro disponibilizado na Apple Store sem custos para si, apenas ganhos, se escolher uma das possibilidades de edição.

Obrigado!

Título	COLETÂNEA DE POESIA PORTUGUESA I VOLUME
Autor	Luís Gaspar luisgaspar@estudioraposa.com Estúdio Raposa
Adaptação ao Português Moderno	Deana Barroqueiro - Escritora Blogue Oficial
Capa	Nuno Boquinhas
Editor e Designer	André Gaspar 91 351 74 56 agassy@gmail.com Site Oficial
Ano de edição	Agosto de 2012
ISBN	978-989-97993-1-8